



## Um último conto e pronto

Etgar Keret<sup>1</sup>

Naquela noite, quando o diabo veio para levar o seu talento, ele não discutiu, não reclamou, nem resistiu. “O que é justo é justo”, ele disse.

O jovem ofereceu ao diabo um bombom de chocolate da marca Mozart e um copo de limonada, acrescentando: “Estava agradável, o chocolate estava delicioso, estava magnífico. Mas é chegada a hora, aqui está você e é o seu trabalho. Não vou lhe causar problemas por causa disso. Porém, se for possível, eu gostaria de escrever mais um pequeno conto antes que você o tire de mim. Um último conto e pronto. Sei lá, assim terei algo além do gostinho na boca”.

O diabo olhou para a embalagem de prata do chocolate e soube que havia cometido um erro ao concordar em comer. São sempre os rapazes legais que mais bagunçam sua vida. Ele nunca teve problemas com os nojentos. Estes vêm, tiram a alma, abrem o velcro, extraem o talento dela, e pronto. O sujeito podia xingar e gritar até o dia seguinte. Ele, como é o diabo, já podia marcar um pequeno *v* no formulário e passar para o próximo nome da lista. Mas os legais? Todos aqueles com aquela conversa tranquila, os docinhos e as limonadas... O que você pode dizer a eles?

“Bem”, suspirou o diabo, “um último conto e pronto. Mas que seja curto, hein? Já são três horas e eu tenho pelo menos mais dois endereços para terminar hoje”.

“Curto – o jovem sorriu – cansado, curtíssimo. No máximo três páginas. Você pode assistir TV enquanto isso”.

Depois de liquidar outros dois chocolates Mozart, o diabo relaxou no sofá e começou a brincar com o controle remoto. Enquanto isso, na outra sala, o rapaz que lhe havia dado os chocolates não parava de bater no teclado em um ritmo constante e interminável, como alguém digitando em um caixa eletrônico um código secreto de um milhão de dígitos.

“Espero que saia algo realmente bom” – disse o diabo para si mesmo, mirando uma formiga que então se arrastava pela tela em um documentário sobre a natureza no Canal 8. “Algo assim com muitas árvores e uma garota procurando pelos pais. Algo com um começo que te pega pelas bolas e um final tão devastador que as pessoas começam a chorar”.

Era na verdade uma pessoa muito legal, aquele jovem. Não apenas bom, mas honesto. E o diabo tinha esperança de que ele já estivesse a ponto de terminar o conto. Já era mais de quatro horas e, em vinte minutos, no máximo meia hora, terminado o conto ou não, ele teria que abrir o velcro do jovem, retirar a mercadoria e dar o fora dali.

---

<sup>1</sup> Etgar Keret nasceu em Tel Aviv, Israel, em 1967.



Caso contrário, mais tarde, no armazém, ele vai ter problemas, ele não quer nem pensar nisso.

Só que o jovem era realmente bom. E cinco minutos depois ele já estava saindo da outra sala, suando, com duas páginas impressas. O conto que ele escreveu era realmente bonito. Não sobre uma garota, e nada particularmente fascinante, mas muito emocionante. E quando o diabo disse isso, o jovem ficou muitíssimo alegre, demonstrando a alegria com um sorriso. E o sorriso permaneceu em seus lábios mesmo depois que o diabo lhe retirou o talento, dobrou-o muito bem dobrado e colocando-o numa caixa especial de isopor.

Durante todo o tempo, o jovem não fez nenhuma vez cara de artista atormentado, apenas trouxe mais doces para o diabo.

“Agradeça a seus chefes”, disse o jovem, “diga a eles que eu gostei, do talento e tudo mais. Não se esqueça”.

O diabo disse que sim e pensou consigo mesmo que se, em vez de um diabo, ele fosse um ser humano, ou se eles simplesmente tivessem se conhecido em outras circunstâncias, eles poderiam ser amigos.

“Você sabe o que você vai fazer agora?”, o diabo perguntou, com certa preocupação, enquanto já estava na porta.

“Na verdade, não. Provavelmente terei mais tempo de ir para o mar, para ver meus amigos, coisas assim. E você?”

“Trabalho”, disse o diabo, ajeitando a caixa nas costas. “Eu, além do trabalho, não penso em nada, acredite em mim”.

“Diga”, perguntou o jovem, “só por curiosidade, o que fazem no final com todo esse talento?”

“Eu realmente não sei”, o diabo admitiu. “Eu apenas levo os talentos para o armazém, onde eles os contam, assinam as notas de entrega, e é isso... O que acontece com eles depois disso realmente não tenho ideia”.

Se você tiver um sobrando na contagem, eu ficaria feliz em ter um de volta”. O jovem riu e deu um tapinha na caixa.

E o diabo também riu, mas uma risada nojenta, e quando desceu os quatro andares apenas pensou no conto que o jovem tinha escrito e sobre esse trabalho de coleta de talentos, do qual sentia bastante entusiasmo, mas agora de repente lhe parece uma merda. “Dois endereços”, ele tentou se consolar a caminho do carro, “são mais dois endereços e termino a rotina diária”.



**Tradução:** Juliano Klevanskis Candido<sup>2</sup>

### **Referências**

KERET, Etgar. Sipur Aharon ve-Zehu. In: Rafi Banai (ed.). *Sipur Aharon ve-Zehu*. World Zionist Organization: Gesher LaNoar, 2012. p. 67-72.

-----

Recebido em: 23/02/2021.

Aprovado em: 23/05/2021.

---

<sup>2</sup> Juliano Klevanskis Candido é doutorando em Letras: Estudos Literários na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É pesquisador do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG e membro do Instituto Histórico Israelita Mineiro.